



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

JUVENTUDE, FORMAÇÃO E TRABALHO EM BOM JESUS DA LAPA, BA: DISCUSSÕES PRELIMINARES

Karolyny de Oliveira Almeida*
(UESB)

Ana Elizabeth Santos Alves**
(UESB)

RESUMO:

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a relação entre juventude, formação e trabalho, no Município de Bom Jesus da Lapa, BA, considerada um dos principais “centros baianos da fé” e de exploração do turismo religioso. Parte-se do pressuposto de que a relação de influências entre o histórico cultural da cidade e a configuração das relações entre uma “juventude específica” - filhos da classe trabalhadora - e o mundo do trabalho, pode ser compreendida pelo viés das experiências herdadas. O trabalho encontra-se em fase de pesquisa bibliográfica.

PALAVRAS-CHAVE: JUVENTUDE, Trabalho, Memória herdada.

INTRODUÇÃO

Tomando de empréstimo as palavras de Bourdieu (2010): “O homo academicus gosta do acabado. Como os pintores acadêmicos, ele faz desaparecer dos seus trabalhos os vestígios da pincelada, os toques e os retoques” (p. 19);

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação “Memória: Linguagem e Sociedade, UESB, *Campus Vitória da Conquista*. E-mail: karolalmeidauefs@gmail.com

** Professora Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia e docente do PPG “Memória: Linguagem e Sociedade”.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

características que denotem o estado que se pode chamar de “nascente”. A constatação desse autor, em grande medida, ajuda a explicar o certo “embaraço” quando se pretende sistematizar, sintetizar, apresentar um trabalho que se encontra em fase inicial de estruturação, ou, nos termos do próprio Bourdieu: “em estado confuso”, “embrionário”.

Sobre a construção do objeto, o mesmo teórico afirma que “não é uma coisa que se produza de uma assentada, por uma espécie de acto teórico inaugural” (BOURDIEU, 2010, p. 26). Antes, trata-se de “um trabalho de grande fôlego, que se realiza pouco a pouco, por retoques sucessivos, por toda uma série de correções, de emendas, sugeridas pelo que se chama o ofício” (BOURDIEU, 2010, p. 27).

Assim, o texto que segue trata de reflexões iniciais, nascidas a partir do contato (e convivência cotidiana) com o Município de Bom Jesus da Lapa, BA e com as formas de relação - que se pressupõe “peculiares” - existentes entre essa sociedade e o mundo do trabalho.

As categorias centrais do trabalho citado Juventude, Formação e Trabalho, partindo do histórico cultural do Município. Pretende-se compreender a relação entre essas categorias (entre si e com o histórico cultural), sob o prisma da memória herdada.

Sobre as Categorias

Juventude

Qualquer pensamento mais analítico acerca de “juventude”, na contemporaneidade, torna-se difícil, se dissociado da “instabilidade” e das “contradições” (do ponto de vista psicológico e sociológico, com perspectivas e fundamentações distintas, obviamente) que a circunscreve; da situação de “risco



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

social” de grande parcela da categoria (o que tem implicações claras e lógicas nas estratégias de minimizar os “abalamentos” e a desestabilização do status quo da sociedade); e, chegando-se ao ponto de convergência que pretende esta pesquisa, da estreita e, para a maioria (quantitativamente falando), conflituosa relação entre juventude, formação e inserção sócio-profissional (trabalho).

Quanto ao conceito e ao histórico (surgimento da noção) da juventude, no entendimento atual não mais cabe a concepção de uma definição unívoca que não contemple a diversidade de sujeitos considerados jovens, tampouco a possibilidade de encaixá-los em um arco cronológico “estático” e/ou rigidamente definido. Na simplicidade da definição de Costa (2004, p.244), “a juventude é o tempo que se passa entre o não-mais da infância e o ainda-não da idade adulta”. Nas palavras de Frigotto (2004, p.180): “mais adequado seria, talvez, falar, como vários autores indicam, em juventudes, especialmente se tomarmos um recorte de classe social”. Complementando, Novaes (2006, p.108) afirma que existe um ponto de convergência entre a tamanha diversidade de sujeitos considerados jovens, o que ela define como “o medo de sobrar”, de não haver “lugar no futuro”.

Embora não exista um limite rígido, a juventude pode compreender o arco de tempo que vai dos 15 aos 24 anos. Esse arco cronológico é considerado pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) e utilizado como base de muitas pesquisas brasileiras, inclusive desta.

Trabalho

Apenas para situar os demais termos que tocam no objeto desta pesquisa, o trabalho, enquanto atividade (inerentemente humana) de “regulação metabólica” entre indivíduo e natureza, não pode, do ponto de vista do Materialismo Histórico, ser compreendido fora da sua relação com o Capitalismo e com a necessidade,



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

dentro do sistema estabelecido, da interligação entre produção (e constante reprodução, para a não ruptura do ciclo), compra e venda da força de trabalho, bem como da imprescindibilidade de tal relação para a produção dos “meios de subsistência” e, conseqüentemente, da vida, em uma lógica onde vida e trabalho se produzem simultaneamente.

Nos termos de Alves (2005), no sistema capitalista, “a força de trabalho assume para o próprio trabalhador a forma de uma mercadoria” (p. 39). Sem a venda da força de trabalho, todas as necessidades - que nas palavras de Marx citado por Tumolo (2003), vão do “estômago à fantasia” - dinamicamente produzidas e renovadas pelos indivíduos ao longo da existência, não podem ser supridas, de forma que isso implica o não-exercício da vida e da cidadania

Sobre o “cruzamento” entre juventude, formação e trabalho, Regina Novaes (2006) considera que “a indagação sobre quando e como um jovem começa ou termina de estudar ou trabalhar expõe as fissuras presentes na sociedade brasileira” (NOVAES, 2006, p. 106).

Considerar a formação e a inserção no mercado (formal ou informal) de trabalho exige definir de que sujeitos está se falando. Dentre os recortes citados, é importante não deixar de fora classe social, etnia (ou critério raça/cor, como ainda é utilizado), procedência geográfica e sexo. A esses recortes, Regina Novaes (2006) ainda acrescenta o “local de moradia”.

O recorte social, como definidor de acessos, privilégios e possibilidades de vivenciar “outra juventude”, tem implicações na educação e no trabalho, na medida em que os jovens filhos das “classes trabalhadoras”, em geral (e estatisticamente), estão prematuramente fora da escola e inseridos precocemente no mundo do trabalho. As conseqüências desse fato são muitas, indo desde uma “adultização precoce” (nas palavras de FRIGOTTO, 2004) às poucas possibilidades de



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

mobilidade social, devido à inserção precária em termos de condições de trabalho e remuneração.

Sobre a procedência geográfica, Novaes (2006) considerou a existência de uma tendência natural dos jovens do campo, em migrarem para as cidades em busca de emprego, estudo ou ambos. Fato que pode estar sinalizando para a falta ou ineficiência de políticas públicas voltadas para desenvolvimento da vida no campo. Falando do local de moradia, Regina Novaes (2006) aponta que “o endereço faz diferença: abona ou desabona, amplia ou restringe acessos” (NOVAES, 2006, p. 106). Esse motivo tem sido apontado pela autora como “justificativa” para o receio de muitos jovens em dizer o endereço verdadeiro nas entrevistas de emprego.

No tocante à etnia, apesar de imaginários ainda pautados na meritocracia e no mito da democracia racial, é fato: os jovens negros têm os piores empregos, as piores remunerações e as piores escolaridades. Quanto a isso, Frigotto (2004) acrescenta que esse fato “não pode ser atribuído à sua condição de negros, mas porque, não bastasse o longo processo de escravidão, de quase 400 anos no Brasil, na sua ‘libertação’ tiveram como prêmio da alforria os trabalhos mais desqualificados” (FRIGOTTO, 2004, p. 193).

Quanto ao recorte de sexo, Regina Novaes (2006) aponta o crescimento dos empregos domésticos (que em tese “beneficiariam” as moças). Mas aponta também que quando ocupando os mesmos postos de trabalho que os homens, as mulheres (jovens ou não) ganham menos. Acrescentando, a autora resume que “ser pobre, mulher e negra ou pobre, homem e branco, faz diferença nas possibilidades de ‘viver a juventude’” (NOVAES, 2006, p. 106).

Quanto aos requisitos, a exigência de “boa aparência” tem excluído os mais pobres, o local de moradia também. A pouca preparação dos “menos favorecidos”, os deixam nos últimos lugares das listas de seleção.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Esse é apenas um esboço sem aprofundamento da conjuntura atual na qual se inscreve o tema juventude, formação e trabalho. Longe de abordar todos os pontos importantes da questão e, tampouco aprofundar devidamente os abordados, as informações elencadas têm a intenção, apenas, de colaborar para o levantamento de algumas reflexões.

A primeira delas remete ao trabalho como forma de produção de vida. Hoje a juventude, sobretudo os jovens filhos das classes trabalhadoras (com ou sem o “agravante” de serem negros), têm um “encurtamento” das suas juventudes, devido a necessidade da “venda precoce” das forças de trabalho. No mercado onde se processa essa “comercialização”, as limitadas possibilidades de formação, reservam para eles as vagas e os salários menos satisfatórios. Isso não pode receber outro nome, além de reprodução.

A segunda, diz respeito à escolaridade. De acordo com Regina Novaes (2006), os jovens que se vêm “obrigados” a deixar prematuramente a escola, ressentem não ter permanecido mais tempo nela. Nesse ponto, vivem uma indefinição entre a credibilidade que a instituição parece ter e o descrédito entre o que ela de fato pode proporcionar futuramente, uma vez que a educação não tem garantido o tão necessário emprego (não existe mais um continuum).

A terceira, tenta alinhar as duas considerações citadas, em seu ponto de intersecção. Frigotto (2004) chama de “falsificação perversa” a expressão “inempregáveis para se referir aos trabalhadores sem escolaridade ou com pouca escolaridade” (FRIGOTTO, 2004, p. 192). Porém, Beluzzo (2001), citado pelo próprio Frigotto (2004), afirma que:

Não adianta ter gente mais “empregável” se a economia não cria novos empregos. Ao contrário do que pretendem os mandamentos e as lengalengas do pensamento único, a maioria não é pobre porque não tem boa educação, mas, na realidade, não consegue

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

boa educação porque é pobre. (BELUZZO, 2001, p. 2 apud FRIGOTTO, 2004, p.192).

Essa via de setas cruzadas, que dificulta a identificação das suas direções, demonstra o quanto a educação ou formação e o trabalho são problemas estruturais, que carecem de políticas públicas, mas que, nos termos de Frigotto (2004) “terão que enfrentar situações emergenciais de curtíssimo prazo” (p. 184).

Alinhavando essa perspectiva à condição atual de inserção sócio-profissional do grupo de pesquisa pretendido, é preciso, na concepção de Frigotto (2004), clarear os termos do debate, com a finalidade de verificar “até que ponto se está falando da mesma coisa”.

Desse modo, é pertinente aqui, deixar claro o que se pretende compreender como trabalho. Literalmente desprezando as noções mais tradicionais do senso-comum, que associam trabalho a vínculo de relação estável entre “patrão-empregado”, na presente pesquisa ele será entendido como toda forma de negociação que os indivíduos estabelecem, no que tange força de trabalho e sobrevivência. Acrescentando, é principalmente nas oportunidades de trabalho proporcionadas pelas romarias que se encontram os jovens sujeitos dessa pesquisa.

Sobre o contexto: inquietações e reflexões iniciais

Onde o “sol é senhor de janeiro a janeiro”, nos termos de Milton Guram (MALHEIROS, 1969) e assiste-se as particularidades de encontrar-se situada no sertão da Bahia, Bom Jesus da Lapa ainda agrega outras peculiaridades inerentes a uma cidade que se constituiu historicamente como “local de luz”, de fé, de “solo sagrado”, de romarias. O turismo, que se instalou na cidade, provavelmente modificando por completo o seu percurso e estrutura econômica, administrativa,



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

social, cultural e comercial, dentre outras, se iniciou, de acordo com Steil (1996), após a origem do Santuário (que data o final do século XVII), se mantém forte atualmente e atrai indiscriminadamente romeiros de diferentes níveis sócio-econômicos e culturais, sobretudo, sertanejos e nordestinos de semblantes “sofridos”, que buscam na Romaria do Bom Jesus e na “igreja sagrada” esculpida em “ato divino” da natureza, milagres de cura e agradecimentos, em aspectos dos mais diversos.

Historiadores, antropólogos e literários (como Pedro Calmon, Rocha Pita, Nuno Marques Pereira, Euclides da Cunha entre outros), se propuseram a descrever a cidade de Bom Jesus da Lapa, tendo prioritariamente como foco e perspectiva a sua relação com o sagrado, com o religioso, com o que, de fato, atrai milhares de pessoas (principalmente entre os meses de agosto e setembro). Como afirma Steil (1996, p.13): “o Santuário de Bom Jesus da Lapa abre um campo de possibilidades para o estudioso da religião e da cultura enquanto centro de condensação de mitos e cosmologias que perfazem uma tradição de longa duração”.

Ultrapassando essa constatação, é pertinente acrescentar que as peculiaridades culturais historicamente construídas nesse “ponto” do Médio São Francisco, são tão incisivas na constituição da sociedade que aí se instala e constrói, que as análises não mais podem se limitar à relação que esse povo estabelece com o sagrado, mas o que essa relação (histórica) traz de implicações para os demais aspectos da estrutura e funcionamento econômico, social, político, educacional, cultural, administrativo, comercial etc.

Aqui, defende-se que é preciso retirar um pouco o foco das romarias, dos romeiros e do cunho religioso (indissociável) da cidade, para compreender o que se modifica para os que na “Lapa” permanecem (assim como o sol) “de janeiro a janeiro”. A respeito dessa relação de influências, não é difícil perceber um foco



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

exacerbado no turismo religioso; a projeção do calendário municipal em função dos períodos de romarias; as características do comércio local; o fluxo intenso de pessoas que circulam na cidade nesses períodos, modificando seu ritmo, desde as estradas de acesso, às expectativas de parte massiva dos cidadãos, sobretudo, da classe trabalhadora e/ou desempregados, que atrelam suas condições de sobrevivência à exploração do turismo religioso.

Nesse bojo, e da perspectiva de análise dessa proposta – a relação entre o histórico cultural da cidade (enquanto memória herdada), e a inserção sócio-profissional da juventude -, surgem algumas questões totalmente (a ela e entre si) atreladas.

A primeira delas, diz respeito ao trabalho e a toda complexidade que esse termo/atividade de produção e reprodução da existência humana (em uma concepção Marxista) engendra. A segunda se reporta à formação, dada sua relação estreita com trabalho, sobretudo em um momento onde a reestruturação (e precarização) dos processos produtivos traz discussões densas e interessantes sobre conceitos como empregabilidade, as diferentes (e controversas) noções de qualificação, a (estratégica) flexibilização do mundo do trabalho, a emergência das Políticas Públicas de Educação Profissional, entre muitas outras. A terceira toca em um campo, cuja delimitação do recorte é definidora para qualquer análise, dada a diversidade de sujeitos que o compõe: a juventude - não compreendida apenas enquanto um “arco cronológico”, mas, concordando com Abramo (2005), quando a afirma enquanto “reconhecida como condição válida, que faz sentido, para todos os grupos sociais, embora apoiada sobre situações e significações diferentes” (p.44).

Juventude, Trabalho e Formação. Se cada um desses três temas isoladamente já comporta grande complexidade, empreitar uma análise do entrelaçamento deles, nada tem de simples. Alocar essa análise em um município como Bom Jesus da Lapa torna-se amplamente pertinente, dada a forma particular



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

e histórica de relação entre sua população e o mundo do trabalho, em um contexto onde o surgimento e instituição da própria cidade são posteriores ao surgimento da cultura que nela se destaca, de modo que as atividades remuneradas, surgidas enquanto necessidade do Município, se formaram cronologicamente após as “atividades-conseqüência” das romarias.

A cidade, situada a aproximadamente 800 km da capital da Bahia, no centro-oeste do estado, onde o sertão, a caatinga, o sol constante, as temperaturas elevadas, a poeira e os longos períodos de estiagem, se intercalam às “benesses” do Rio São Francisco, possui aproximadamente 70 mil habitantes e tem como fontes de desenvolvimento econômico, principalmente a agricultura irrigada e a pecuária.

Sem tradição industrial ou fabril, Bom Jesus da Lapa oferece oportunidades de inserção profissional, basicamente instaladas no comércio local, no trabalho na iniciativa privada (bancos, consultórios, empresas de pequeno porte) ou nas atividades administrativas, de atendimento ou de serviços gerais, vinculadas, principalmente ao mercado hoteleiro. Expressivamente, a classe médica e muitos profissionais da área da Saúde (Enfermeiros, Dentistas e etc.) vêm de outras cidades apenas p/ a prestação dos serviços.

Da perspectiva pública, existem os empregos da Prefeitura Municipal, absorvendo, via vínculo efetivo ou contratos temporários, principal e preferencialmente os “filhos de Bom Jesus da Lapa” (viabilidade/caráter político-partidário); e os empregos em Órgãos Públicos Estaduais e Federais (Bancos, Receita Federal, Companhia do Vale do São Francisco - CONDEVASF, Universidade Estadual da Bahia - UNEB, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano – IF BAIANO, Correios, Forças Armadas, Companhia Hidrelétrica do São Francisco - CHESF, entre alguns outros), cujo caráter de admissão (via Concursos Públicos nacionalmente divulgados), aponta para a quantidade de trabalhadores

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

de outras cidades e/ou regiões, em detrimento da ocupação dos seus postos por trabalhadores nascidos em Bom Jesus da Lapa.

Quanto aos que “não conseguem” colocação em nenhuma das possibilidades citadas (e nas que não foram), resta o mercado informal, inclusive o precário, que movimenta a economia local, principalmente, e de forma bastante elevada, nos períodos de romarias.

Aqui se abre um parêntese: “não colocação” e “não inserção” significam, na lógica da linguagem sociológica, exclusão. Tratando-se de juventude, esse significado se amplia para abranger: marginalização, risco social, possibilidade de desestabilização da ordem da sociedade. Mais que isso: não usufruto pleno da cidadania e dos Direitos Humanos e Sociais, por uma parcela significativa da população.

Na presente pesquisa, levanta-se as seguintes hipóteses: 1) existe uma relação cultural e histórica entre a construção da sociedade e do mundo de trabalho no Município de Bom Jesus da Lapa, e a cultura de fé e de romarias, que em uma relação recíproca, se construiu na cidade e a construiu; 2) é notável no município uma cultura peculiar de trabalho, onde se percebe um foco muito grande “no que” a romaria pode oferecer em termos lucrativos, mesmo a quem não vive do comércio; 3) apesar do início de um processo perceptível de modificação, ainda existe um distanciamento significativo entre a juventude (sobretudo os jovens com “poucas chances de acesso”) de Bom Jesus da Lapa e uma perspectiva concreta de investimento em educação e formação.

É sob essa perspectiva que se pretende compreender como a juventude, especificamente os jovens em trabalho informal precário, se relaciona com o mundo do trabalho em Bom Jesus da Lapa. Pressupõe-se que essa relação pode ser reflexos de experiências culturais herdadas. Considera-se que as formas de lidar com a sobrevivência e com a força de trabalho, enquanto mercadoria, podem ser



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

marcadas pela maneira como os homens vivem em termos culturais, entendendo que, no que toca essa questão, podem existir fluxos entre os diferentes agentes e instituições, possibilitando o desenvolvimento de práticas transmitidas entre gerações e/ou entre sujeitos de uma mesma geração.

Tais sujeitos devem pertencer a um recorte específico da juventude: jovens nordestinos, nascidos e residentes em um dos mais importantes centros baianos da fé e da exploração do turismo religioso. Mais do que isso, jovens que se situam “às margens da sociedade”, que se encontram, sobretudo, nos principais locais de circulação de romeiros, nos períodos de Romarias em Bom Jesus da Lapa, na tentativa de explorar o mercado das oportunidades criadas por elas, enquanto viabilizadoras das condições de sobrevivência.

O trabalho de definição do objeto tem sido realizado continuamente em um exercício que deve se processar de modo constante por meio do aprofundamento teórico como em qualquer trabalho de pesquisa, especificamente da área sociológica. Nesse momento o que existe em relação a isso, além das reflexões e inquietações outrora expostas, é a seguinte questão: de que modo as representações de fé e de romarias de Bom Jesus da Lapa e as experiências herdadas influenciaram ou construíram a memória social de jovens em relação ao mundo do trabalho?

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Wendel H.; BRANCO, Pedro P. M. (Org.). **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

ALVES, Ana Elizabeth Santos. **Qualificação e trabalho bancário no contexto da reestruturação produtiva**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz (português de Portugal) – 13. ed. – Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2010.

COSTA, Antônio Carlos Cunha da. Educação para o empreendedorismo: uma visão brasileira. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Org.). **Juventude e Sociedade: trabalho, cultura e participação**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Juventude, trabalho e educação no Brasil: perplexidades, desafios e perspectivas. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Org.). **Juventude e Sociedade: trabalho, cultura e participação**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

MALHEIROS, Gustavo. **Pedra e Luz: Bom Jesus da Lapa**. Rio de Janeiro: Arte Ensaio, 2008. 216 p.

NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias, In: ALMEIDA, Maria Izabel; EUGENIO Fernanda (Org.). **Culturas jovens: novos mapas dos afetos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

STEIL, Carlos Alberto. **Os Sertões das Romarias**. Petrópolis, RJ: Vozes Ltda., 1996.

TUMOLO, Paulo Sérgio. **Trabalho, vida social e capital na virada do milênio: apontamentos de interpretação**. Educ. Soc. [online]. 2003, vol. 24, nº 82, pp. 159-178.

Disponível

em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302003000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em: 27 dez. 2008